



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
EDUCAÇÃO E INFÂNCIA VII: estágio supervisionado em Educação Infantil
(MEN7107)
CURSO DE PEDAGOGIA – 2012.1

REFLEXÕES E INDICAÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

*Alessandra Mara Rotta de Oliveira
Patrícia de Moraes Lima*

Introdução

A construção do memorial requer a tessitura de um texto sobre aquilo que é da ordem da experiência de cada um. Um movimento que põe a nós a possibilidade rasurar aquilo que se inscreve sobre a pele, sobre as marcas do corpo, sobre tudo aquilo que já foi e que está no tempo e no lugar do acontecimento. O movimento por uma escrita que retrate o que é da ordem da experiência, mortifica de algum modo, partes desse vivido. Portanto, narrar o vivido nunca é mais o vivido, e sim, uma nova experiência que se dá agora no movimento de escritura. Por isso, quando escrevemos o que vivemos e/ou o que sentimos, devemos nos perguntar sobre o que queremos com essa escrita, quais os ruídos queremos provocar, quais ressonâncias, enfim, nos perguntamos sobre os sentidos que atribuímos as experiências.

Para Walter Benjamin, “o narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem sua história”¹ (1994, p.201). Ao narrar e compartilhar com o(s) outro(s) as nossas experiências, vamos simultaneamente dando certa organicidade ao vivido, sentido, percebido e, ao fazê-lo, construímos um movimento de significação, de atribuição de sentido ao que *nos* aconteceu, para aquilo que *nos* tocou, que *nos* afetou, nos transformou (LARROSA BONDÌA, 2002)². Ao narrarmos, “extraímos da experiência” aspectos que, naquele momento, atribuímos ter maior relevância. Ou seja, ao narrar ressalto cores, sabores, ideias, movimentos, práticas, concepções e assim, vou (re)construindo a minha, a nossa história; aprofundando minha consciência sobre a experiência e, simultaneamente, ao contexto da experiência, dando sentido ao que sou(somos) e faço(fazemos) individual e coletivamente.

1 BENJAMIN, Walter. O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política – ensaios sobre literatura e história da cultura**. SP: Brasiliense, 1994, p. 201. (Obras escolhidas; v.1)

2 LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. N. 19. Jan/Fev/Mar/ Abril, 2002, p. 20 – 28.

O ato de narrar refletir sobre o processo de formação docente por meio da narrativa escrita de nossas experiências, engendradas no exercício da docência ao longo do estágio supervisionado em educação infantil, nos impõem a exigência de uma distância apropriada e da posição de observação.

A criação de sentidos no processo de escrita “tem a ver com as palavras, o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso” (LARROSA BONDIA, 2002, p.21).

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro (BENJAMIN, 1994, p.204).

Vale ressaltar que para Benjamin (1994) narrar tem a ver com a faculdade de intercambiar experiências. A experiência que se transmite boca a boca é uma forma de narrativa predominante em nossos tempos. No texto *El narrador*, Benjamin afirma ser cada vez mais raro encontrar alguém capaz de narrar algo com propriedade, para ele, a arte da narração está tocando o seu fim, pois o mundo que se apresenta é o da informação. Toda forma de experiência é uma experiência de algo, assim, não nos colocamos mais numa relação – de entrega- de escuta aos sons do mundo. Ao contrário, antecipamos os fatos, criamos a palavra para tudo informar, explicar, resolver. A arte em narrar, segundo Benjamin, consiste em referir uma história livre de explicações, assim, a narração alcança uma amplitude de vibração de que carece a informação. A capacidade de narrar tem a ver com a capacidade de reter na memória as histórias. No texto *El Narrador* traz a figura do moribundo como aquele que é capaz de transmitir as histórias da vida vivida, por em movimento uma série de imagens de sua interioridade.

Assim, a construção do memorial se constitui também como um intercâmbio de experiências, permite movimentos que nos desafiam por em questão nossas concepções, e portanto, mais do que saber o que é a infância, procuramos pensá-la como algo ainda por nós desconhecido. Vimos que toda tentativa de fixar a infância em uma única designação constitui-se num exercício em encerrar, em sobrepor um valor, uma norma, uma posição-de-sujeito que institui territórios e que pretensiosamente designa a si toda a palavra aprisionando-a e aprisionando-se à ela. Percebemos que a palavra infância eclode em múltiplos sentidos, desdobra-se num enigma seguido por infinitos deslizamentos conceituais.

Aqui, em texto, nos desafiamos construir conhecimentos e saberes em torno dessas

práticas, e sobretudo, apresentar os encontros e acontecimentos que tecemos com as crianças. Reunimos imagens, movimentos, textos, contextos, palavras que nos fizeram desconstruir muitas formas de pensar, muitas certezas, convicções, um verdadeiro processo de alterização, onde diante de vários outros, olhares, fragmentos, corpos, flores, jardins, ruas, becos... fizemos dobrar, multiplicar formas estéticas de convivência, sentir e vibrar a presença do outro, sem ter a preocupação em hospedá-lo, colocá-lo em algum lugar, mas, de se permitir conhecer e pelo outro ser conhecida.

A busca por um vibrar a presença do outro e a multiplicidade das formas estéticas de convivência, nos impulsiona – ao construirmos o memorial – refletir sobre as possibilidades de partilhar nossas experiências penetrando na dimensão da criação artística do conhecer. Uma dimensão que desperta o sentido de maravilhamento, que promove uma forma de compreender, de articular saberes pelos caminhos do sensível, tanto daquele que cria como daquele que se depara com a criação. Ou seja, estamos propomos a construção de um memorial engendrado não somente nas palavras retas, mas na “língua do mundo”: a arte (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998), em especial, na linguagem visual. Compreendendo que não existem regras pré-estabelecidas ou padrões exatos a serem seguidos nos modos de produção artística, o sujeito criador é convidado a experimentar, a brincar com as infinitas possibilidades de combinação de cores, formas, volumes, texturas e linhas. Ou ainda, a mergulhar em processos de decomposição de imagens pré-fabricadas e a recombinação de suas partes gerando novas e infinitas possibilidades de compreensão do mundo, ou da experiência vivida. Deste modo, a “língua do mundo” compõe o memorial *não apenas de modo ornamental, infantilizado ou anedótico*, mas como expressão artística de um conhecer sensível.

Pensar a criação do memorial nesta perspectiva também é abrir possibilidades para que cada narrador explore e encontre a sua expressão artística, criando visualidades que *toquem* a si mesmo como aquele que a encontra; é instigar a criação de imagens que causem estranhamentos por saírem do convencional e por isso, capazes de instigar à imaginação de quem a cria como daquele que a admira. É um fazer que permite despertar linguagens tão vivas na nossa infância e hoje comumente adormecidas como a: do desenho com lápis ou carvão, da colagem com grude ou cola, da pintura com o dedo ou pincel, das construções arquitetadas com os mais variados objetos e materialidades. Assim como as crianças possuem “cem linguagens” para se expressar, existem cem formas com as quais podemos refletir, reordenar, compartilhar nossas experiências, construir o memorial, “e depois cem, cem, cem, sempre cem”! (MALAGUZZI, 1999, p.V).

Caminhos para elaboração do memorial

1. Quanto à composição:

A estrutura de apresentação do memorial deverá conter, pela ordem, as seguintes partes:

1.1 Capa

Poderá ser composta de diferentes formas e nas mais diversas materialidades; a sua construção pode incorporar produções artísticas das crianças, produções de artistas ou as de autoria do(a) próprio(a) autor(a) do memorial; apresentar o título geral do trabalho. No caso do uso de imagens que não sejam produzidas pelo(a) autor(a) do memorial é importante identificar a autoria desta, podendo até aparecer este dado na contracapa.

Obs: o mesmo vale para imagens ao longo do memorial.

1.2 Folha de Rosto

Deve conter o nome da Universidade, Centro, Curso; nome completo das(os) alunas(os) considerando que este será elaborado em duplas; título do trabalho; da metade da folha para a direita, deve aparecer uma explicação *rápida e clara* acerca dos objetivos do memorial, com a identificação da instituição onde o estágio foi realizado e o nome do(a) professor(a) orientador(a) de estágio; cidade e ano, no final da folha.

1.3 Agradecimentos

Em especial, às crianças, suas famílias e à instituição.

1.4 Epígrafe (opcional)

Trata-se de um pensamento de algum autor (de diferentes campos do conhecimento), cujo conteúdo *tenha relação com o trabalho*. As(os) alunos(as) poderá fazer a opção de incluir aqui expressões poéticas como poemas e letras de música, sempre respeitando a indicação de que o conteúdo destes *tenha relação com o conteúdo do memorial*.

1.5 Sumário

O sumário é onde se encontram as divisões do trabalho. Apresentação; **Eixos:** 1. Análise do cotidiano institucional; 2.Planejamento; 3. Docência compartilhada (*cada eixo*

pode ser constituído de subtítulos, sendo estes engendrados a partir dos conteúdos e das reflexões nele contido) 4. Considerações Finais (também pode receber título diverso, sempre na direção de ser uma síntese do conteúdo a ser tratado); Bibliografia; Anexos.

1.6 Apresentação

A *Apresentação* deve explicitar ao leitor a estrutura do memorial e o processo vivenciado pelos(as) autores(as) durante a produção do mesmo. Apesar de vir logo no início do texto, geralmente a *Apresentação* é a última parte do memorial a ser escrita, por ter como objetivo demonstrar a organização de todo o trabalho.

Relembramos que o eixo central do memorial deve se referir ao *processo de reflexão* sobre o que os(as) alunos(as) aprenderam com *as discussões teóricas, com as experiências* que vivenciaram durante o estágio *com* as crianças na instituição e os diálogos tecidos nas orientações que contribuíram de forma *significativa* para compreender a docência na Educação Infantil.

1.6 O(s) texto(s) de cada eixo:

O norte de todo memorial é o *exercício de interrogação* das vivências, estudos, descobertas e experiências que nos marcaram ao longo do estágio “para fazer aflorar não só recordações/lembranças, mas também informações que confirmam novos sentidos ao nosso presente” (DEMOCRACIA PARTICIPATIVA, 2011, s/p). A construção de novos sentidos requer que nos debrucemos sobre as discussões e o referencial teórico estudado ao longo do curso e, em particular, aqueles que sustentam a prática pedagógica na Educação Infantil. Assim, a narrativa-reflexiva construída em cada eixo deve estar *fundamentada teoricamente* como os principais conceitos que sustentam cada eixo e articulado com os demais. Soma-se a este movimento, a busca por referenciais teóricos que abordem demandas específicas de cada instituição, grupo de crianças ou planejamento.

Deste modo, ressaltamos que os textos presentes em cada eixo são tecidos a partir das observações, dos registros (escrito, fílmico, áudio, fotografia, produções das crianças etc.) e do processo de documentação – que são os instrumentos fundamentais da docência na Educação Infantil – entrelaçados, questionados, dimensionados a partir da fundamentação teórica. É importante destacar que a observação e o registro, que se constituem *numa* leitura do cotidiano, permitem levantar subsídios para a organização, implantação e implementação de propostas de atuação pedagógica. Considerando que observar e registrar os acontecimentos e as situações que envolvem o dia-a-dia da creche e

da pré-escola torna-se uma ferramenta elementar nas mãos das/os profissionais da educação, pois possibilita ao adulto aprender a ver a criança como um interlocutor ativo, como “um ser competente, em sua inteireza, capaz de sofisticadas formas de comunicação (...), conforme mencionou Faria (1994, p. 213)³.

Nas palavras de Mantovani e Perani (1999, p. 85)⁴:

A observação certamente não esgota a prática educativa, nem o saber observar é sinônimo de saber organizar o trabalho cotidiano. É, porém, a base para fundamentar as direções do próprio trabalho (...). A observação, por fim, é uma atitude educativa de respeito para com a criança, cujo comportamento e necessidades determinam o tipo de intervenção a ser realizada.

A escrita de cada eixo (e seus subtítulos) pode ser construída com o emprego de expressões e produções que extrapolam a campo da educação, mas que *ampliam as possibilidades de expressão e construção de um pensamento poético sobre as experiências narradas*. Falamos aqui dos voos da imaginação criadora, do emprego de poemas, canções, trechos de diferentes gêneros literários, imagens do campo das artes visuais. Todas elas sempre em diálogo, em relação ao conteúdo tratado no texto e indicando *sempre* seus autores.

1.6.1 Os eixos e sua organização:

Reflexão sobre o Cotidiano Institucional: parte da aproximação das estagiárias ao universo político e pedagógico da instituição (falamos aqui do Projeto Político Pedagógico - PPP) e do contexto educativo das crianças; têm por base os diálogos com a direção, supervisora pedagógica, professores e demais profissionais que atuam na instituição; tece as relações entre o documento institucional orientador das práticas pedagógicas e a dinâmica das práticas sociais, educativas estabelecidas, construídas a partir dele com/para as crianças, a partir dos registros construídos sobre esse movimento.

O PPP entendido aqui como documento de base para ampliar, significar o olhar do que viram na dinâmica do cotidiano. Como as crianças e seus professores (e demais profissionais da instituição) vivem as indicações existentes no PPP? Como ele é traduzido nas ações, na dinâmica institucional com as crianças?

³ FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Impressões sobre as creches no norte da Itália: Bambini si diventa. In: ROSEMBERG, Fúlvia; CAMPOS, Mª Malta. **Creches e pré-escolas no hemisfério norte**. São Paulo: Cortez, 1994, p. 211-233.

⁴ MANTOVANI, Susanna; PERANI, Rita Montoli. Uma profissão a ser inventada: o educador da primeira infância. In: **Revista Pro-posições**, vol. 10 n. 1, FE/UNICAMP, mar/1999, p. 75-98.

Planejamento: a escrita deste eixo tem por base os diferentes registros (escrito, fílmico, fotografia, produções das crianças) elaborados ao longo do processo de estágio evidenciando as práticas pedagógicas e as manifestações expressivas dos saberes e fazeres das crianças. Aqui, engendram-se as reflexões para com a construção do planejamento nos grupos específicos, as formas de entendimento do planejamento na educação infantil e a construção compartilhada com a(o) professora(o) do grupo e as próprias crianças de proposições pedagógicas (vislumbrando todos os momentos da rotina das crianças na instituição).

Como o planejamento e o exercício da docência materializa a participação das crianças nos seus processos educativos no contexto institucional?

As formas como os espaços e os tempos da instituição estão organizados revelam a cultura das crianças, das famílias e da comunidade?

Na instituição como são pensadas e viabilizadas as ações que perspectivam a ampliação e diversificação de repertórios-conhecimentos às crianças que garantam e promovam os seus direitos?

Como o planejamento promove e intensifica a organização dos tempos e espaços que ampliem a construção de enredos entre as crianças (fantasia, imaginação, desejos, trocas, brincadeiras, etc.), o desenvolvimento de suas múltiplas dimensões, linguagens, a apropriação e (re)elaboração de conhecimentos que presentifique o lugar social e a atuação das crianças no mundo e na relação com o(s) outro(s)?

Docência compartilhada: os textos deste eixo, assim como os demais, tem uma narrativa-reflexiva fundamentada teoricamente sobre o exercício da docência com as crianças, tendo como foco o encontro com a infância e a sua educação na creche e na pré-escola.

1.7. Considerações Finais

1.8. Referências Bibliográficas

Deverão ser organizadas em ordem alfabética, a partir do sobrenome dos autores todo em letras maiúsculas, seguido do nome em minúsculas. O título do livro / revista / dissertação / tese, destacado em itálico.

Seguem alguns exemplos mais comuns que poderão ajudá-lo(a):

a. Livro com um único autor:

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo, Summus, 1984.

b. Livro com até 3 autores, organizadores ou coordenadores:

CAMPOS, Maria Malta e ROSEMBERG, Fúlvia. *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*. 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

FARIA, Ana Lúcia G. e MELLO, Suely A . (org). *O mundo da escrita no universo da pequena infância*. Autores Associados, 2005.

Observação: se no livro constarem mais de 3 (três) autores, e nenhum deles tiver sido destacado como organizador ou coordenador, cite o primeiro nome e acrescente a expressão *et al.*

c. Artigos de periódicos:

Deve-se indicar o autor, o título, o nome da revista em itálico, origem, volume, página e ano.

EDWARDS, Carolyn P. Ensinando as crianças através de centenas de linguagens. In: *Revista Pátio- Educação Infantil*. Porto Alegre, RS: Artmed, Ano III, n.8, Jul/Out, 2005, p.6-9.

Revista eletrônica:

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana e RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Infâncias em Educação Infantil. *Pro-Posições* [online]. 2009, vol.20, n.3, pp. 179-197. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072009000300012&lng=pt&nrm=iso ISSN 0103-7307. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072009000300012>. Acessado em: 11/04/2012.

d. Capítulos de livros:

Deve-se indicar autor(es), título do capítulo, In: nome do(s) autor(es) do livro, título do livro em itálico, cidade:, editora e ano.

LEITE, Maria I. A criança desenha ou o desenho *criança?* A ressignificação da expressão plástica de crianças e a discussão crítica do papel da escrita em seus desenhos. In: OSTETTO, Luciana E. e LEITE, Maria Isabel. *Arte, infância e formação de professores*. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2004, p.61-78.

e. Trabalhos de conclusão de curso, dissertação de mestrado, tese de doutorado:

COUTINHO, Angela Maria Scalabrin. As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

f. *Sites* (importante apontar a data em que foi acessado):

CARACOL	DO	OUVIDO.	Disponível	em:
http://caracol.imaginario.com/2002index/index.html Acessado em: 10/04/2012.				

g. Documentos oficiais:

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. Estatísticas dos professores no Brasil. Brasília, DF, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. SEESP. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva* (versão preliminar). Disponível em: www.mec.gov.br Acessado em: 05/10/2007.

1.7 Anexos (se houver)

Deverão ser apresentados enumerados, conforme a ordem em que aparecem no texto e organizados sequencialmente no final do mesmo.

2. *Quanto à formatação dos textos (serão aceitas outras formatações)*

2.1. A formatação do memorial deverá seguir as seguintes indicativas:

- Formato do papel: A4 (210 x 297mm)
- Espaço entre linhas: 1,5 cm
- Espaço nas referências bibliográficas: simples em cada referência
- Fonte do texto: Times New Roman - tamanho 12
- Margem Superior: 2,5 cm
- Margem inferior: 2,5 cm
- Margem direita: 2,5 cm
- Margem esquerda 2,5 cm
- Numeração de páginas: deverá ser feita na parte superior e do lado direito. Enumera-se a partir da Apresentação.

3. Quanto às citações presentes no(s) texto(s)

Podem ser citados fragmentos de textos que mereçam ser destacados com as próprias palavras do autor. Assim, **as citações** de texto **maiores do que 3 (três) linhas** devem ser escritas separadas do corpo do texto, recuadas à esquerda, espaço simples entre as linhas.

Exemplo abaixo:

O exercício da escuta visível das crianças no contexto da creche é aqui compreendida como um processo de reciprocidade, do reconhecimento da alteridade.

[escutar as crianças é ter uma] **sensibilidade à estrutura que nos conecta com o outro, é uma pequena parte de um amplo conhecer integrado que mantém unido o universo.** Escuta, assim, como metáfora da disponibilidade, da sensibilidade de escutar e de ser escutado; um escutar não apenas com o ouvido, **mas com todos os sentidos** (visão, tato, olfato, paladar, orientação). [...] **Escuta como tempo** – o tempo da escuta – um tempo fora dos tempos cronológicos, um tempo pleno de silêncio, de longas pausas, um tempo interior. Escuta interior, assim como de nós mesmos, como pausa, suspensão, como elemento que gera a escuta em direção ao outro, mas que à sua volta é gerado de escutas que outros dirigem a nós. Por trás de uma escuta, há sempre uma curiosidade, um desejo, uma dúvida, um interesse, há sempre uma emoção. **A escuta é emoção é gerada por emoções e provoca emoções.** As emoções dos outros nos influenciam através de processos fortes, diretos, não mediados, intrínsecos às interações entre sujeitos que comunicam. Escuta como acolhimento das diferenças, dos valores, de pontos de vista e das interpretações do outro. **Escuta como verbo ativo, que interpreta, dando significado às mensagens e aos valores a quem a oferece** (RINALDI, 1998, p.08)¹.

1. Livre tradução da autora do original em italiano.

Quando o texto citado for de **até 3 linhas**, coloque-o entre aspas e insira-o no corpo do texto já com a referência bibliográfica, como no exemplo abaixo:

Os sentidos produzem sentidos pela vontade de olhar para o interior das coisas, tornando a visão aguçada, penetrante, pois “para além do panorama oferecido à visão tranquila, a vontade de olhar alia-se a uma imaginação inventiva que prevê uma perspectiva do oculto, uma perspectiva das trevas interiores da matéria” (BACHELARD, 1990, p.8).

Quando realizar uma citação de uma citação, ou seja, transcrever uma citação de um autor citado por outro autor, a referência bibliográfica deve ser seguir o *exemplo abaixo*:

“Trabalhar com as múltiplas linguagens [no projeto de estágio] deixou-nos animadas, pois no nosso entendimento, as múltiplas linguagens estão diretamente ligadas com a arte e com as possibilidades de experimentação e criação que ela oferece” (LEITE E ZANINI, 2007 *apud* ROCHA e OSTETTO, 2008, p.114).

Citações referentes às anotações das discussões realizadas em sala de aula ou orientações individuais e coletivas de estágio, palestras etc., *devem ser incluídas* em nota de rodapé, identificando o autor, o local e a data.

4. Quanto ao uso de imagens:

Poderão ser inseridas imagens que, de fato, tenham ligação com a narrativa-reflexiva presente no memorial, as quais *deverão ser esteticamente colocadas no corpo do texto e identificadas*, caso necessário, no próprio corpo do texto. Exemplo:

As crianças estavam imersas no processo de criação e fruição de sons (Figura 1), desencadeado pela curiosidade infantil de lidar com a água na estrutura organizada em sala. As ações das crianças, o seu envolvimento com a proposta inicial instigou nosso olhar de professoras a observar atentamente outras situações no cotidiano da creche que pudessem serem por nós potencializadas (planejadas, reestruturadas) enquanto espaços-tempos legítimos para as experimentações dos bebês na criação e fruição sonora com água.

FOTOGRAFIA
DO COTIDIANO

*A disposição das fotografias no corpo do texto pode mudar de lugar, aqui é apenas um exemplo. A disposição estética delas dependerá da organização do próprio texto, do tamanho das imagens etc.

Os(as) professores (as) responsáveis pela orientação dos grupos de estágios, estarão sempre disponíveis para esclarecer quaisquer dúvidas e dar toda orientação necessária *ao longo do processo* sobre a elaboração do memorial, considerando as especificidades de campo de estágio e percurso das(os) estagiárias(os).

1. A forma final do memorial impresso deverá ser acompanhada de 2 CDs, onde todo o trabalho deverá estar contido em um único arquivo no formato Word. Assim como deverá conter todas as imagens construídas ao longo do estágio, mesmo aquelas que não entraram na composição do memorial. Este material será entregue para a instituição onde o estágio foi realizado. O CD deverá conter as autorizações do uso de imagens (visuais e audiovisuais) das crianças.
2. CD entregue deverá estar etiquetado (ou escrito sobre o próprio CD) com as informações: nome completo da dupla de estágio, identificação da instituição onde realizou o estágio; nome do orientador e ano de conclusão.

Bibliografia:

- BARBOSA, Maria Carmen S. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.
- BATISTA, Rosa. A rotina do dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido. Trabalho apresentado na 24ª. Reunião Anual da ANPED, GT07. (2001).Caxambu, MG. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/24/tp.htm#gt7> Acessado em: 12/03/2011.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:_____. *Magia e Técnica, Arte e Política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. SP: Brasiliense, 1994, p. 201. (Obras escolhidas; v.1)
- BONDIOLI, Anna, MANTOVANI, Susanna. *Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- CERISARA, Ana Beatriz et al. Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na educação infantil. In: Zero-a-Seis Revista Eletrônica. N5, jan./jul. 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/11157> Acessado em: 12/03/2011.
- DEMOCRACIA PARTICIPATIVA. Como fazer o memorial? Disponível em: <http://www.democraciaparticipativa.org/caritas/paginas/memorial.htm> Acessado em: 11/11/2011.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Impressões sobre as creches no norte da Itália: Bambini si diventa. In: ROSEMBERG, Fúlvia; CAMPOS, Mª Malta. *Creches e pré-escolas no hemisfério norte*. São Paulo: Cortez, 1994, p. 211-233.
- LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. n. 19. Jan/Fev/Mar/ Abril, 2002, p. 20 – 28.
- MALAGUZZI, Loris. Ao contrario, as cem existem. In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella e FORMAN, George. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1999, p.V.
- MANTOVANI, Susanna; PERANI, Rita Montoli. Uma profissão a ser inventada: o educador da primeira infância. In: *Revista Pro-posições*, vol. 10 n. 1, FE/UNICAMP, mar/1999, p. 75-98.
- MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, Gisa e GUERRA, M. Terezinha Telles. *Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. SP: FTD,1998.
- PILLOTTO, Silvia Sell D. (org.). *Linguagens da arte*. Joinville, SC: Editora UNIVILLE, 2007.
- RABITTI, Giordana. *A procura da dimensão perdida: uma escola de infância de Reggio Emilia*. Porto Alegre, RS: Artmed, 1999.
- RINALDI, Carla. Riflessioni sulla creatività. In: RIANLDI, Carla e CAGLIARI, Paola. *Educazione e creatività*. Reggio Emilia. Italia: Centro Documentazione e Ricerca Educativa Nidi e Scuola dell'Infanzia, 1996.
- RINALDI, Carlina. Reggio Emilia: A imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental. In: GANDINI, Lella e EDWARDS, Carolyn. *Bambini: a abordagem italiana à educação infantil*. POA: Artmed, 2002, p.81-92.

ROCHA, Eloísa A. Candal. e OSTETTO, Luciana E. O estágio na formação universitária de professores de educação infantil. In: SEARA, Izabel C., DIAS, Maria de Fátima S., OSTETTO, Luciana E. e CASSIANI, Suzani. (Orgs.) *Práticas pedagógicas e estágios: diálogos com a cultura escolar*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008, p.103-116.

SILVA, Claudinéia Alzira da & CUNHA, Cristiane. O trabalho pedagógico na creche: entre limites e possibilidades. In: OSTETTO, Luciana E. (org.) *Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágio*. Campinas, SP: Papirus, 2000 (pp.31-49).

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. FACULDADE DE EDUCAÇÃO. Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na Rede de Educação Infantil e Primeiras Séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas – PROESF. *Normas para apresentação do memorial de formação*. Disponível em: www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/proesf-normas-memorial.doc Acessado em: 11/11/2011.